



Quartel General Farroupilha. Piratini. Acervo Digital do IPHAN



Quartel General Farroupilha. Piratini. 1948. Acervo Digital do IPHAN

Nas primeiras décadas do século XIX, o Brasil passou por diversas rebeliões provinciais, motivadas por ideias federativas e republicanas. No Sul, a crise causada pela perda de territórios e o centralismo do Império acirrou os ânimos dos estancieiros. Bento Gonçalves da Silva comandou a rebelião que começou em 20 de setembro de 1835, com a tomada de Porto Alegre por tuma tropa de lanceiros negros e indígenas liderada pelos liberais.

Piratini – A primeira Capital Farroupilha

No ano seguinte, a Vila de Piratini foi ocupada pelos rebeldes. Após a deposição de juizes e outras autoridades imperiais, e se tornou o centro da Guerra dos Farrapos.

Ministérios foram organizados e o Ministério da Guerra foi instalado no Solar dos Meirelles, também conhecido como Quartel General Farroupilha. A localização geográfica favorável e as boas infraestruturas contribuíram para que Piratini fosse escolhida como a primeira capital Farroupilha em 1836, sendo elevada à condição de cidade no ano seguinte.

*Decênio Farrapo (1835-1845) -
a instalação do Quartel General Farroupilha*



Museu Histórico Farrroupilha, Piratini. Acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa



Museu Histórico Farrroupilha, Piratini. Acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

Após o fim da guerra e a assinatura do Tratado de Paz de Ponche Verde em 1845, o sobrado foi utilizado como residência.

Na década de 1950, o prédio foi adquirido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul e tombado como patrimônio histórico pelo SPHAN em 05 de setembro de 1952.

Localizado no Centro Histórico de Piratini, passou por restauração em 1952 e recebeu a criação do Museu Histórico Farrroupilha no ano seguinte. Ao longo dos anos, foi alvo de manutenções e reformas, sendo objeto de uma ampla obra de restauro já no século XXI, concluída em 2011.

Outras edificações em Piratini também foram usadas como sedes de ministérios e residências dos líderes farrroupilhas, contribuindo para formar um conjunto arquitetônico de valor histórico reconhecido como patrimônio cultural nas esferas estadual e federal.

Século XX - A criação do Museu



A República Rio-grandense procurou estabelecer uma estrutura estatal através de órgãos burocráticos e militares, liderados por indivíduos com experiência no comércio e na escrita, além de criadores de gado e estancieiros.

Essas estratégias locais dificultaram a consolidação política do estado, mas permitiram uma resistência mais dinâmica e econômica contra o exército imperial.

Mesmo após a maioria das rebeliões ter sido controlada pelo governo imperial no início dos anos 1840, os rio-grandenses continuaram resistindo, mantendo fronteiras fechadas para impedir a passagem das forças imperiais.

Após dez anos de conflitos, os farrapos não foram derrotados em batalha, e uma paz foi estabelecida com o Império através de negociações com o Barão de Caxias, que ofereceu anistia aos rebeldes em troca da deposição das armas e concedeu algumas reivindicações dos estancieiros, permitindo uma "paz honrosa" aos rebeldes.



As negociações de paz



Amazônia de Charque, Jean Baptiste Debret, 1835. Arquivo Biblioteca Nacional Digital - BNDigital
Viajantes da Província do Rio Grande, Jean Baptiste Debret, 1835. Arquivo Biblioteca Nacional Digital - BNDigital



A República Rio-grandense procurou estabelecer uma estrutura estatal através de órgãos burocráticos e militares, liderados por indivíduos com experiência no comércio e na escrita, além de criadores de gado e estancieiros.

Essas estratégias locais dificultaram a consolidação política do estado, mas permitiram uma resistência mais dinâmica e econômica contra o exército imperial.

Mesmo após a maioria das rebeliões ter sido controlada pelo governo imperial no início dos anos 1840, os rio-grandenses continuaram resistindo, mantendo fronteiras fechadas para impedir a passagem das forças imperiais.

Após dez anos de conflitos, os farrapos não foram derrotados em batalha, e uma paz foi estabelecida com o Império através de negociações com o Barão de Caxias, que ofereceu anistia aos rebeldes em troca da deposição das armas e concedeu algumas reivindicações dos estancieiros, permitindo uma "paz honrosa" aos rebeldes.

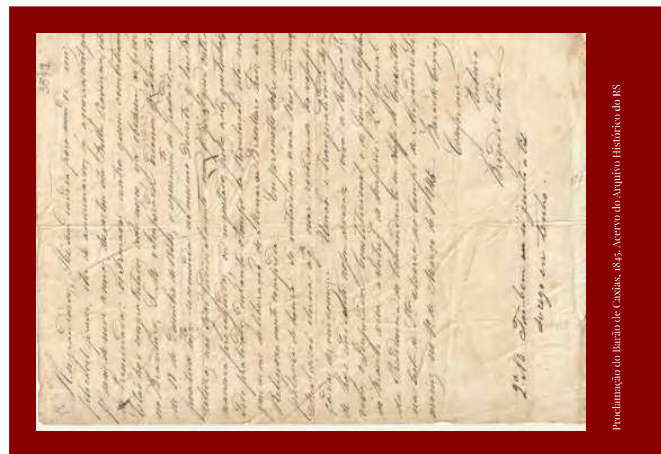


As negociações de paz



Armazém de Charque, Jean Baptiste Debret, 1835. Acervo Biblioteca Nacional Digital - BNDigital.

Variantes da Província do Rio Grande, Jean Baptiste Debret, 1835. Acervo Biblioteca Nacional Digital - BNDigital.



Proclamação do Barão de Caxias, 1845. Arquivo do Arquivo Histórico do RS

A Paz de Ponche Verde, assinada nos campos de Dom Pedrito em 28 de fevereiro de 1845, foi uma vitória política e simbólica para os senhores de terras no Rio Grande do Sul, não resultando de batalhas vencidas. Com novos conflitos na Argentina e Uruguai se aproximando, o Império precisava do apoio dos rio-grandenses.

Na Proclamação de 1º de março de 1845, o Barão de Caxias perdoou os revoltosos e declarou o fim da guerra civil na região.

Apesar disso, a sociedade rio-grandense continuou baseada no regime escravista e controlada por uma elite oligárquica até as primeiras décadas do século XX.

O Tratado de Ponche Verde

